

Construção de fronteiras entre o judaísmo e o cristianismo no Império Romano: os judaizantes e a retórica antijudaica no movimento cristão dos séculos I e II d. C.

Constructing frontiers between Judaism and Christianity in the Roman Empire: the Judaizers and anti-Jewish rhetoric in the Christian movement of the centuries I and II AD.

Monica Selvatici*

Resumo: Este artigo tem por propósito analisar a retórica antijudaica em textos cristãos dos séculos I e II d. C. suscitada não por ataques de judeus à fé cristã, mas, diferentemente, pela repetida presença de cristãos judaizantes (que adotam regras da lei de Moisés não mais seguidas pela maioria dos cristãos). Tal retórica auxilia na construção de fronteiras entre cristãos e judeus e, nesse sentido, na elaboração de uma identidade cristã que deve ser distanciada do universo de costumes e práticas judaicos.

Abstract: The purpose of this article is to analyze the anti-Jewish rhetoric in 1st and 2nd century CE through the Christian texts. Such rhetoric is not fostered by Jewish attacks against Christian faith, but, differently, by the constant presence of Christian Judaizers (those who used to follow Jewish commandments not observed by the majority of Christians anymore). It helps to construct frontiers between Christians and Jews and to craft Christian identity as something opposed to the realm of Jewish customs and practices.

Palavras-chave:

Cristianismo;
Judaísmo;
Fronteiras;
Retórica antijudaica.

Keywords:

Christianity;
Judaism;
Frontiers;
Anti-Jewish rhetoric.

Recebido em: 03/06/2013
Aprovado em: 02/07/2013

* Professora Adjunta de História Antiga e Medieval e orientadora do Programa de Mestrado em História Social da Universidade Estadual de Londrina. É pesquisadora do Núcleo de Estudos Estratégicos da Universidade Estadual de Campinas e integrante do grupo de pesquisa sobre o Jesus Histórico da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O assunto tratado neste artigo se insere no quadro maior dos estudos sobre o processo de construção de fronteiras entre o cristianismo e o judaísmo na Antiguidade romana. A questão central é aquela da presença repetida e intrigante, desde meados do século I d. C. e ao longo do século II d. C., de cristãos “judaizantes” no interior das comunidades cristãs espalhadas pelas províncias orientais do Império Romano. Por cristãos judaizantes, entendem-se aqueles cristãos de origem gentílica que, em vários momentos do período acima assinalado, passaram a seguir certos preceitos da lei de Moisés; “judaizando-se”, por assim dizer. Ao que parece, em vários casos tal judaização era exigida ou fortemente reivindicada por outros cristãos. Buscamos, a partir desta definição, nos aproximar do sentido do termo “judaizar” na Antiguidade mediante o uso do termo na diáspora judaica em relação aos prosélitos (convertidos ao judaísmo por meio da circuncisão) e aos chamados “tementes a Deus” (que adoravam o Deus judaico, porém não eram circuncidados) e de seu uso pelos cristãos entre a segunda metade do século I e todo o século II d. C.

Subjacente ao estudo desta questão está uma tentativa de análise da relação entre a identidade cristã e a identidade judaica e do processo histórico que leva as duas a se distinguirem e a se oporem. O viés analítico adotado é aquele dos estudos sociais recentes sobre a questão das identidades étnicas. Uma das premissas partilhadas por esses estudos relacionados à questão da identidade étnica é o fato de que a identidade manifestada pelos diversos grupos étnicos é agora entendida como um elemento mutável e, sobretudo, relacional, e não mais apreendido como algo essencial. Trata-se de um elemento relacional porque depende das relações entre o grupo em questão e os grupos ao seu redor; e é mutável porque estas relações são, por sua vez, também mutáveis e dependentes da ação e da interação entre diferentes aspectos sociohistóricos e culturais.

Esta nova abordagem das identidades de grupo se traduz na utilização do conceito de *etnicidade*, que incorpora o aspecto mutável e relacional das identidades sociais. Dentre as várias concepções bastante próximas do termo *etnicidade*,¹ optamos

¹ O texto seminal do antropólogo norueguês Fredrik Barth, *Ethnic groups and boundaries* de 1969, inova ao analisar os aspectos subjetivos na construção das identidades e ao estudá-las a partir das negociações nas fronteiras entre diferentes grupos humanos. Barth entende ser a *etnicidade* “um modelo de interação social da identidade étnica que não supõe um ‘caráter’ ou uma ‘essência’ fixa para o grupo mas, ao contrário, examina as percepções dos seus membros pelas quais eles se distinguem de outros grupos.”

por aquela estabelecida pela arqueóloga Siân Jones (1997, p. xiii), que define o conceito da seguinte forma:

[...] todos os fenômenos sociais e psicológicos associados a *uma identidade de grupo culturalmente construída*. O conceito de etnicidade se centra sobre os modos pelos quais processos sociais e culturais interagem na identificação de, e na interação entre, grupos étnicos.

A ideia de que a identidade de grupo seja uma entidade culturalmente construída, tal como postulado no conceito de etnicidade, traz contribuições importantes ao estudo das identidades no judaísmo e no cristianismo antigos porque ela permite verificar as variações e as especificidades do processo de construção das identidades judaicas e cristãs nos contextos históricos particulares de onde provêm os textos antigos analisados.

Uma breve discussão historiográfica sobre o assunto

A historiografia atual que se debruça sobre o Novo Testamento e sobre a História do Cristianismo Antigo, marcada pela memória do Holocausto, apresenta um traço significativo: a preocupação com a questão específica das relações entre judeus e cristãos na Antiguidade. Os esforços dos estudiosos seguem no sentido de compreender os contextos históricos e sociais por trás dos sentimentos antijudaicos que proliferam na literatura cristã antiga e que, repetidos ao longo dos séculos de vida cristã, podem ter criado as condições para a exacerbação do antissemitismo e para a política nazista de extermínio dos judeus nas décadas de 1930 e 1940.

Além disso, os eruditos entendem agora que as noções modernas de identidade judaica e cristã como categorias distintas e facilmente observáveis não devem ser projetadas sobre a Antiguidade. Reconhece-se que as fronteiras entre as duas comunidades eram mais fluidas do que se imaginava e que cada comunidade religiosa se expressava de múltiplas formas em termos da crença e da prática.

Wayne A. Meeks discute a questão da separação das comunidades cristãs fundadas por Paulo em relação ao mundo pagão do Mediterrâneo romano em sua obra

Este estudo inspirou uma série de trabalhos posteriores que definem o conceito em termos similares aos de Siân Jones. Ver, por exemplo, a coletânea de ensaios *Ethnicity in Hellenistic Egypt* publicada em 1992.

Os Primeiros Cristãos Urbanos, de 1992.² O autor já não parte da ideia essencializante de que os cristãos constituíam um grupo à parte pelo simples fato de professarem a fé no Cristo. No entanto, ele enxerga a construção de uma fronteira por parte de tais grupos cristãos paulinos em relação à realidade do Império Romano através da adoção de uma “linguagem da separação” baseada na utilização do termo *ekklesia* como forma de auto definição de sua identidade. Por meio de tal linguagem da separação, os grupos paulinos conseguiam distinguir entre aqueles que pertenciam à sua comunidade e aqueles que dela não faziam parte.

Étienne Trocmé, em artigo de 1985, observa, no contexto dos estudos sobre as relações entre judeus e cristãos no século I d. C., a visão que Paulo e que Lucas detêm acerca dos judeus em seus respectivos momentos históricos. Enquanto Paulo pode “se dar ao luxo” de afastar as suas comunidades, por meio de suas exortações, da realidade do culto judaico, Trocmé (1985, p. 148) atenta para o fato de que, em torno dos anos 80 d. C., Lucas – dirigindo-se a um público formado pelos membros das comunidades paulinas que já não dispunham de seu fundador, morto havia quase vinte anos –

[...] percebeu que o grupo pequeno de igrejas que insistia em reivindicar uma origem paulina seria engolido pela tendência dominante no cristianismo [aquela das comunidades judaico-cristãs da diáspora] se nada fosse feito para redefinir a sua herança de maneira a provar que ele estava firmemente enraizado no judaísmo da mesma forma como qualquer um dos seus competidores.

Nesse sentido, Trocmé entende que a forte aproximação que Lucas constrói, em sua narrativa, dos cristãos em relação às práticas e instituições judaicas, dentre elas o Templo de Jerusalém, tem por função conferir legitimidade e reafirmar a herança judaica das comunidades cristãs criadas por Paulo nas províncias orientais do mundo romano. Mais do que nunca, Lucas tem por objetivo evitar que as comunidades cristãs gentílicas sejam absorvidas por aquelas de predominância judaica, absorção esta que seria levada a cabo pelos judeus cristãos que reivindicavam a judaização dos gentios cristãos.

Judith Lieu, na coletânea de artigos (de sua autoria) *Neither Jew nor Greek?*, de 2002, que discute a natureza retórica da oposição entre cristianismo e judaísmo na Antiguidade, atenta para o fato de que tanto o movimento cristão quanto a crença

² A obra, originalmente escrita em língua inglesa, data de 1983.

judaica nos séculos I e II d. C. eram fenômenos que comportavam uma grande variedade de práticas e comportamentos, dependendo dos locais observados. Assim, ela afirma que há pouco a se decidir entre uma data específica em que teria ocorrido a “verdadeira ruptura” entre as duas crenças – seja nos anos 50 do século I d. C. com a pregação de Paulo direcionada aos gentios ou mesmo um século mais tarde, como vários autores argumentam – porque tal “ruptura” (se se pode assim chamá-la) teria acontecido de modos diferentes nas diversas regiões para onde a fé cristã se expandiu.

Michele D. Murray, em seu texto *Playing a Jewish Game*, de 2000, contribui para a discussão atual sobre as relações entre judeus e cristãos ao atentar para um ponto de contato que ela afirma ser negligenciado no estudo de tais relações ao longo dos séculos I e II d. C. A autora argumenta em favor de uma mudança de paradigma na compreensão desse fenômeno. Ela recontextualiza uma ampla quantidade de relatos cristãos que apresentam a marcada retórica antijudaica, argumentando que tal retórica não deve ser entendida como direcionada aos judeus (ou mesmo aos judeus cristãos), mas ao invés disso, tal discurso é contrário a gentios cristãos que defendiam a judaização. De forma a cumprir sua tarefa, a autora levanta evidências de discurso antijudaico advindas de textos presumivelmente direcionados a um público cristão gentílico e procura reconstruir o contexto histórico e social das áreas dentro do Império Romano de onde tais textos seriam provenientes.

Pedro Lima Vasconcellos, em seu capítulo sobre os judaizantes na obra *Identities fluidas no judaísmo antigo e no cristianismo primitivo*, de 2010, parece identificar os judaizantes com aqueles indivíduos que forçavam os cristãos gentílicos a adotarem as práticas judaicas e não os próprios gentios que acatavam, dentro da comunidade cristã, tais regras da Lei de Moisés. Partindo deste entendimento (diferente do que temos em relação a este conceito), Vasconcellos, no entanto, se alia à historiografia recente que enxerga o cristianismo e o judaísmo nos séculos I e II d. C. em termos de uma enorme complexidade e variedade de práticas (dentre as quais estão aquelas pregadas por Paulo, as defendidas pelos judaizantes e também as concepções transmitidas pelo autor do *Apocalipse*) que não permitem a conclusão de que havia uma distinção ou uma oposição binária entre grupos claramente definidos.

É fato que toda uma literatura cristã antiga que havia sido interpretada, anteriormente, como respondendo a ataques judaicos começa a ser lida atualmente como lidando com questões internas às comunidades dos cristãos. A análise de vários

documentos cristãos dos séculos I e II d. C. que contêm uma forte crítica a judeus e a certos ritos religiosos judaicos na busca por melhor compreender o debate sobre a questão da “judaização” no interior das comunidades cristãs – por meio da consideração da hipótese de que tal retórica antijudaica tenha sido direcionada contra cristãos judaizantes (de origem judaica ou, até mesmo, de origem gentílica) – contribui para o estudo das contínuas relações entre cristãos antigos e judeus e das “fronteiras” criadas em função de tais relações. Além disso, a noção recente de que as identidades são mutáveis e mantêm um aspecto relacional permite a compreensão do desenvolvimento de tais identidades no curso da história e evita que a análise incorra nos erros da generalização e da “essencialização” que, muitas vezes, permeiam os trabalhos que se debruçam sobre este tema.

Um panorama dos judaizantes nas fontes cristãs do século I d. C.

Dado o escopo reduzido deste artigo, faremos uma abordagem panorâmica da documentação cristã pertinente à busca por se reconstruir as relações entre os cristãos do século I d. C. e a herança judaica que eles desejam manter e – ao mesmo tempo, em razão do fenômeno dos cristãos judaizantes – a ela se opor. São os textos canônicos da epístola de Paulo aos Gálatas (década de 50 d. C.), a obra *Evangelho de Lucas – Atos dos Apóstolos* (em torno da década de 80 d. C.) e o livro do *Apocalipse* (por volta da década de 90 d. C.). Esses textos são analisados na busca por evidências de um debate *intra muros* entre os cristãos da segunda metade do século I d. C. sobre a vivência correta da fé no Cristo dependente ou não do seguimento de certos preceitos da lei de Moisés.

Como metodologia de análise da documentação textual, seguimos os pressupostos da Nova História Cultural que têm no conceito de *representação* um instrumento primeiro de trabalho. Ao utilizarmos o conceito de representação como instrumento na análise deste texto,³ partimos do princípio de que as representações

³ Partindo do conceito de representação definido por Roger Chartier em seu texto *O mundo como representação* (1991), entendo ser ela certo tipo de prática que tem por função *articular e conferir sentido* ao restante das práticas sociais. A noção de representação, tal como postula Chartier, é tributária da formulação de Michel Foucault acerca da ordem do discurso. Para o filósofo francês, o discurso não se tratava apenas de um enunciado pronunciado ou escrito: ele era, na realidade, um enunciado *capaz de*

que o autor veicula em sua obra têm o poder de interferir na realidade social dos leitores cristãos na medida em que articulam e conferem sentidos vários – por meio da narração de “certa” história do movimento de Jesus – ao conjunto das práticas e das crenças cristãs. A consideração de tal princípio e a utilização do conceito de representação – que parte das formulações filosóficas de Michel Foucault sobre a natureza discursiva da realidade social – permitem, assim, a distinção clara entre dois níveis de trabalho na análise da documentação: aquele sobre as práticas produzidas pelo discurso dos autores dos textos antigos e, finalmente, aquele sobre os eventos que forneceram o conteúdo para a escrita deles.

Os cristãos “judaizantes”, termo pelo qual eles são referidos pela historiografia acerca do cristianismo antigo, tiveram a sua designação inspirada no relato do apóstolo Paulo na *Epístola aos Gálatas* 2: 14. Nesta passagem, Paulo explicita que, no contexto de um desentendimento com Pedro sobre a conduta cristã a ser seguida na comunidade de Antioquia após a chegada, por volta do ano 50 d. C., de emissários da comunidade de Jerusalém que exigem a separação, no momento das refeições, entre judeus e gentios crentes em Jesus, ele se dirige a Pedro e diz o seguinte: “Se tu, sendo judeu, vives à maneira dos gentios e não dos judeus, por que forças os gentios a viverem como judeus (a judaizarem)?”. O termo em grego é *ioudaizein*, que significa genericamente seguir ou, também, adotar as práticas judaicas. Ao que parece, as exigências dos emissários de Jerusalém seguiram no sentido de uma observância maior dos preceitos da *Torá* por parte dos judeus no que dizia respeito ao convívio com os não judeus. Para que os gentios pudessem se juntar aos judeus nas refeições eucarísticas da comunidade antioquina, seria necessária toda uma reformulação de suas práticas com base nas prescrições estabelecidas na *Torá*, algo que poderia incluir a necessidade de uma conversão formal deles à crença judaica por meio da circuncisão. Na opinião de Paulo, quando Pedro decide seguir as diretrizes da comunidade de Jerusalém e deixa de partilhar as refeições com os gentios da comunidade de Antioquia, ele está necessariamente forçando tais gentios a “judaizarem”.

A comunidade cristã de Antioquia não sofre apenas esse revés em meados do século I d. C.: antes do incidente entre Paulo e Pedro, há o episódio no qual alguns cristãos da Judeia (identificados pelo autor de *Atos dos Apóstolos* como antigos

produzir práticas. Nesse sentido, as representações têm o poder de interferir na realidade social na medida em que articulam e conferem sentidos vários ao conjunto das práticas humanas.

fariseus) chegam à igreja antioquena e reivindicam a circuncisão dos irmãos de fé de origem gentílica. Este evento só é resolvido, então, por ocasião da reunião, entre Paulo e Barnabé e os “pilares” da comunidade de Jerusalém – Pedro, Tiago e João –, referida como o “Concílio de Jerusalém” narrado em *Atos* 15 e *Gálatas* 2: 1-10.

Também na obra *Evangelho de Lucas/Atos dos Apóstolos* que, em sua forma mais próxima daquela que sobreviveu até a atualidade no cânon bíblico, foi elaborada por volta da década de 80 d. C., a questão dos cristãos judaizantes aparece quando é realizada uma análise dos propósitos narrativos e teológicos do autor, o suposto Lucas. Ao analisar o papel dos fariseus ao longo de toda a narrativa Lucas–Atos, observa-se que Lucas está fazendo referência àqueles cristãos que obrigavam os gentios a judaizarem. A insistência de Lucas em abordar, tão longamente em sua obra, a hipocrisia dos cristãos fariseus ao exigirem a circuncisão dos cristãos de origem gentílica levanta a questão de que, muito provavelmente, essa exigência fosse corrente no período em que ele redigiu a sua obra, na década de 80 ou 90.

A partir das informações acima, percebe-se como, desde a metade do século I d. C., vários cristãos (de origem judaica e, possivelmente, gentílica também) acreditaram que a presença de gentios no seio do movimento cristão deveria ser marcada pelo apego a certos mandamentos da lei mosaica. Ao que parece, aproximadamente trinta ou quarenta anos depois, essa questão voltou à cena de maneira a tirar a tranquilidade e o sono dos gentios que mantinham a fé no Cristo.

Uma compreensão maior desse processo está implícita nas palavras de Jack Sanders (1985, p. 166) sobre a caracterização ambígua dos fariseus na obra *Evangelho de Lucas/Atos*

Lucas retratou os fariseus desta forma estranha de modo a deixá-los representar a posição dos judeus [que desejam a circuncisão dos gentios] dentro do cristianismo, com a nuance adicionada de que os fariseus amigáveis em *Atos* o ajudam a demonstrar a continuidade entre o judaísmo antigo e o cristianismo.

Por meio da última frase da citação, o autor Sanders alude ao contexto de “orfandade”, por assim dizer, em que viviam as comunidades criadas por Paulo de maioria ou totalidade gentílica ao longo do Mediterrâneo, após a morte de seu fundador que – para piorar a situação – falhara na tentativa de se reconciliar com a igreja mãe em Jerusalém. Tais comunidades não gozavam, por isso, do mesmo status ou

autoridade detidos pela comunidade de Antioquia, na Síria, por exemplo, de maioria ainda judaica. O caráter judaico ainda prevalecente nesta comunidade conferia legitimidade à sua própria existência, na medida em que a espera pela vinda do Messias sempre fora uma crença judaica. O Messias esperado era o salvador do povo de Israel porque se tratava da realização das antigas profecias judaicas. Somando-se a isto, Étienne Trocmé (1985, p. 148) recorda o fato de que as comunidades judaico-cristãs, particularmente na diáspora,

passavam por um período de otimismo e crescimento graças à morte de Tiago [o irmão do Senhor] e ao fim do domínio esmagador da igreja de Jerusalém e a confusão que prevaleceu nas sinagogas entre a queda de Jerusalém e a disseminação do movimento de reforma da escola de Jamnia.

Lucas, ao redigir, no final do século I d. C., a sua obra em dois volumes, *Evangelho/ Atos dos Apóstolos*, se confrontou com a questão da orfandade do movimento cristão gentílico, questão tão crucial naquele momento. Ele parece ter sido particularmente afetado por ela porque uma análise atenta e cuidadosa dos seus livros em sequência permite vislumbrar, mais claramente, os objetivos e, neste sentido, a teologia do evangelista: o movimento cristão é herdeiro das bênçãos escatológicas prometidas ao judaísmo; na realidade, ele é a própria realização do Reino de Deus na terra.

Ao apresentar a seus leitores aquela que ele entende ser a verdadeira história do movimento cristão desde as suas origens até a época anterior à morte de Paulo em Roma, a narrativa de *Atos* cumpre o propósito de legitimar a presença maciça de não judeus no interior das comunidades cristãs de origem paulina. O relato de Lucas apresenta o processo gradual da expansão cristã, guiada pelo Espírito Santo, de um contexto judaico palestino até um contexto completamente gentílico. Lucas procura construir, através da narrativa, a história do cristianismo antigo (ou, ainda, a própria identidade cristã antiga) porque, como bem observou Judith Lieu (2002, p. 7), a literatura cristã está no centro da fundação de uma identidade cristã na medida em que a representação literária tem a capacidade de se imprimir como experiência vivida. Nesse sentido, *Atos* caracteriza o início da história cristã sob a forma de passos guiados pelo Espírito Santo em direção à integração dos gentios ao chamado Povo de Israel.

As reações contrárias às reivindicações de que os gentios da comunidade cristã judaizassem, apresentadas em *Gálatas* e em *Atos dos Apóstolos*, não são únicas nos textos cristãos antigos do século I. No livro do Apocalipse há menções significativas aos prováveis judaizantes. A historiografia recente entende que a obra tenha sido produzida na década de 90 d. C. durante o governo do imperador Domiciano. Em duas passagens do livro, o autor João de Patmos, ao se dirigir a comunidades cristãs da Ásia Menor, afirma o seguinte:

Conheço as tuas obras, e tribulação, e pobreza (mas tu és rico), e a blasfêmia dos que se dizem judeus, e não o são, mas são a sinagoga de Satanás (*Ap. 2,9*).

Eis que eu farei aos da sinagoga de Satanás, aos que se dizem judeus, e não são, mas mentem. eis que eu farei que venham, e adorem prostrados a teus pés, e saibam que eu te amo (*Ap. 3,9*, grifo nosso).

David Frankfurter (2001, p. 421-422) argumenta a respeito desta questão:

A preocupação de João com o falso caráter judaico de seus oponentes parece girar em torno da questão da incorporação ritual de gentios em um movimento de Jesus essencialmente judaico e pode muito bem estar ouvindo os debates sobre a circuncisão do tempo de Paulo. [...] Assim, os “que se dizem judeus” teriam sido gentios que estavam observando algum grau da prática judaica de acordo com a instrução de Paulo; por isso “agindo como judeu”. [...] Esses oponentes eram parte da ala paulina ou neopaulina do movimento de Jesus. [...] [Eles] são reprováveis porque são gentios que estão observando insuficientemente a prática judaica. As objeções de João giram em torno de questões como pureza na preparação para a parusia, pureza para a intimidade com o mundo celestial e pureza necessária para se receber visões de Cristo. A impureza dos “que se dizem judeus” ameaçava a coesão dos Eleitos no fim dos tempos (grifo nosso).

Para Frankfurter, a acusação de João de Patmos se dirige a gentios cristãos que não estão observando de forma completa todas as regras de pureza da *Torá*, necessárias, segundo seu ponto de vista, para a vivência na comunidade dos eleitos ao Reino de Deus. Michele Murray, por sua vez, também entende serem aqueles da “sinagoga de Satanás” gentios cristãos que estavam adotando práticas judaicas, mas não aprofunda a discussão acerca do grau de obediência maior ou menor a tais rituais, como procura fazer Frankfurter. Ela afirma o seguinte:

Os oponentes referidos em 2:9 e 3:9 – identificados como parte da “sinagoga de satã” em Esmirna e Filadélfia – estão reivindicando a identidade étnica judaica, mas não a têm. A mais lógica e óbvia interpretação das acusações de João é a de que ele estava se referindo a gentios que falsamente afirmavam ser judeus e adotavam o estilo de vida judaico. Esses gentios poderiam ter sido gentios não cristãos, mas o tom hostil das acusações torna mais plausível que os judaizantes fossem cristãos [...]. A forte condenação de João a “aqueles que dizem que são judeus e não são” revela o sentido profundo de traição e animosidade que ele sente em relação àqueles cristãos que se desviaram do comportamento que considerava aceitável (2004, p. 78).

O aspecto interessante levantado por Murray é a busca por encontrar uma explicação para a judaização dos cristãos gentios no contexto mais amplo da vida sociopolítica dentro do Império Romano. Assim, Murray (2000, p. 154) acredita que “o autor do *Apocalipse* expressa hostilidade em relação a um grupo de cristãos gentios que adotaram costumes judaicos e chamaram a si mesmos de judeus, provavelmente de forma a evitar a perseguição [romana]”.

Esta perseguição romana, atenta a autora, não era direcionada aos judeus do Império porque eles dispunham de isenções e privilégios conferidos a seu culto e modo de vida pelos romanos desde os tempos de Júlio César – algo que não ocorria com os cristãos, cuja presença como grupo separado do judaísmo era percebida pelas autoridades romanas desde o governo de Nero e da perseguição por ele promovida.

A repetição do fenômeno da judaização no século II d. C. e os possíveis encaminhamentos na análise sobre os judaizantes

Verifica-se uma retórica antijudaica amplamente disseminada em textos cristãos também do século II e que pode ser resultado, não de uma oposição entre cristãos de um lado e judeus desvinculados da fé em Jesus de outro, mas de igual maneira, de uma disputa *intra muros* entre cristãos com opiniões diferentes sobre qual seria a verdadeira vivência da fé no Cristo: uma vivência ligada à reprodução das leis judaicas ou uma vivência baseada apenas na partilha da fé no Cristo e nas práticas cristãs dentro da comunidade. Os textos patrísticos da *Didaqué*, as *Cartas* de Inácio de Antioquia e a obra *Diálogo com o judeu Trífon*, de Justino o Mártir, são os três documentos analisados referentes ao século II d. C.

A *Didaqué*, também conhecida como “O Ensino do Senhor por meio dos Doze Apóstolos para as Nações”, se caracteriza por um manual sobre ética e práticas litúrgicas (o batismo, a eucaristia, etc.). A unidade da composição não é certa. Em termos de proveniência e datação, acredita-se que o texto seja originário da Síria e date do início do século II d. C. Nela aparece a referência aos hipócritas. A identidade destes últimos é muito discutida.⁴ Ainda assim, quando nos atemos às palavras do apóstolo Paulo na *Epístola aos Gálatas*, vemos ali uma menção importante à hipocrisia que pode ser esclarecedora do significado do termo naquele contexto e também indicar a identidade dos hipócritas. Em *Gl. 2,13*, Paulo diz: “Até Barnabé se deixou levar pela sua hipocrisia”. Neste versículo, o apóstolo critica a dissimulação de Pedro ao passar a seguir as regras judaicas relativas às refeições exigidas pelos emissários de Jerusalém e afirma que Barnabé (que era seu companheiro no trabalho de anunciar a Boa Nova cristã) decidiu seguir o fingimento / a hipocrisia / a dissimulação de Pedro.⁵

As cartas de Inácio de Antioquia são sete e foram redigidas pelo bispo de Antioquia a outras comunidades cristãs durante a sua viagem preso até Roma, onde, condenado, foi morto em torno de 110 d. C. São elas: Efésios, Magnésios, Trálios, Romanos, Filadelfos, Esmirneanos e a carta a Policarpo (bispo de Esmirna). Suas correspondências atestam uma estrutura formada nas comunidades cristãs organizada em um bispo, presbíteros e diáconos. Em determinadas cartas Inácio de Antioquia adverte contra os judaizantes. Na *Carta aos Filadelfos*, capítulo 6, versículo 1, ele assevera: “Se, no entanto, alguém vier com interpretações judaizantes, não lhe deis ouvido. É melhor ouvir doutrina cristã dos lábios de um homem circuncidado *do que a judaica de um não-circuncidado*” (grifo nosso).

Inácio é bem claro nesta passagem ao afirmar que existia a pregação de doutrina judaica por cristãos não circuncidados, isto é, de origem gentílica.

Por fim, Justino o Mártir foi um gentio originário da Palestina que viveu em Éfeso e foi martirizado como cristão em Roma em torno de 165. Conhecedor das escolas filosóficas gregas, ele finalmente se tornou um cristão. O texto *Diálogo com Trífon*

⁴ Ver a discussão acerca da identidade dos hipócritas apresentada no trabalho de Rafael Juvenal Eugenio. *Ambiente rural e diversidade de práticas no cristianismo antigo: um estudo de caso do livro da Didaqué*. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História) – Universidade Estadual de Londrina, 2012, p. 21-24.

⁵ Já as referências à hipocrisia dos fariseus, especificamente, são encontradas nos *Evangelhos de Mateus 23* e *Lucas 11*.

exprime algumas objeções aparentemente feitas por judeus ao movimento cristão e se caracteriza por uma refutação a tais objeções de teor judaico ou judaizante. No entanto, tal refutação é compreendida na atualidade como tendo os cristãos da comunidade do autor como público alvo e não judeus exteriores à igreja cristã.⁶

A questão cuja análise inicial apresentamos neste artigo possui desdobramentos. É nosso interesse dar continuidade ao estudo de reconstrução histórica da presença da prática judaizante no interior das comunidades cristãs relacionando-a ao contexto maior da vida de cristãos e judeus no Império Romano. Nesse sentido, nossa pesquisa mantém os seguintes objetivos: (1) discutir os possíveis motivos para a presença de cristãos judaizantes no interior das comunidades cristãs ao longo da região do Mediterrâneo sob domínio do Império Romano entre a segunda metade do século I e todo o século II d. C.; (2) reconstruir os contextos socioculturais e religiosos dos documentos analisados de maneira a encontrar evidências das circunstâncias sociohistóricas que levaram ao encorajamento ou reação à “judaização” cristã nas localidades de origem dos textos.

Referências

Documentação primária impressa

BÍBLIA DE JERUSALÉM. *Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 1994.

DIDAQUÉ. In: *Padres Apostólicos*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 335-60. v. 1.

JUSTINO DE ROMA. Diálogo com Trifão. In: *Padres apostólicos*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 107-324. v. 3.

INÁCIO DE ANTIOQUIA. Cartas de Inácio de Antioquia. In: *Padres Apostólicos*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 73-125. v. 1.

MEEKS, W. A. (Ed.). *The Harper Collins study bible: new revised standard version, with the apocraphal/deuterocanonical books*. San Francisco: Harper San Francisco, 1993.

NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993.

⁶ Ver PERA (2009, p. 46-55).

Obras de apoio

- BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STREIF-FENART, J. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- BAUCKHAM, R. J. Peter and the gentiles. In: CHILTON, B.; EVANS, C. (eds.) *The missions of James, Peter and Paul. Tensions in Early Christianity*. Leiden: Brill, 2005, p. 91-142.
- BILDE, P.; ENGBERG-PEDERSEN, T.; HANNESTAD, L.; ZAHLE, J. (eds.) *Ethnicity in Hellenistic Egypt*. Aarhus: Aarhus University Press, 1992.
- BROWN, R. E. *An introduction to the New Testament*. New York: Doubleday, 1997.
- CHARTIER, R. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, v. 11, n. 5, p. 173-91, 1991.
- COLLINS, J. J. A Symbol of otherness: circumcision and salvation in the first century. In: _____. *Seers, sibyls and sages in Hellenistic-Roman Judaism*. Leiden and New York: Brill, 1997, p. 211-35.
- FOUCAULT, M. *L'ordre du discours*. Paris: Gallimard, 1971.
- FRANKFURTER, D. Jews or not? Reconstructing the "other" in Rev. 2:9 and 3:9. *The Harvard Theological Review*, v. 94, n. 4, p. 403-425, 2001.
- FREDRIKSEN, P. Judaism, the circumcision of the gentiles, and apocalyptic hope: another look at *Galatians* 1 and 2. *Journal of Theological Studies*, v. 42, n. 2, p. 532-64, 1991.
- GRILLO, J. G. C. As relações entre cristãos e judeus no final do século I d.C.: continuidade ou descontinuidade? O testemunho de *Atos dos Apóstolos* 2,14-40. *Boletim do Centro do Pensamento Antigo*, Campinas, n. 12, p. 67-87, 2001.
- HENGEL, M. *Acts and the History of earliest Christianity*. London: SCM Press, 1979, p. 35-126.
- IZIDORO, J. L. Didaché: doutrinas dos doze apóstolos. *Oracula*, São Bernardo do Campo, v. 3, n. 6, p. 90-113, 2007.
- JONES, S. *The archaeology of ethnicity: constructing identities in the past and present*. London & New York: Routledge, 1997.
- LIEU, J. *Neither Jew nor Greek? Constructing Early Christianity*. London: T. & T. Clark, 2002.

- MEEKS, W. A. *Os primeiros cristãos urbanos: o mundo social do Apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- MOUNT, C. *Pauline Christianity: Luke-Acts and the Legacy of Paul*. Leiden: Brill, 2000.
- MURRAY, M. D. *Playing a Jewish game: gentile Christian Judaizing in the first and second centuries CE*. 2000. Tese de Doutorado em Filosofia. Centro para Estudos de Religião. Toronto: University of Toronto, 2000.
- _____. *Playing a Jewish Game. gentile Christian Judaizing in the first and second centuries CE*. Waterloo, Ontario: Wilfrid Laurier University Press, 2004.
- POUTIGNAT, P. ; STREIF-FENART, J. Teorias da etnicidade. Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- SANDERS, J. T. Pharisees in *Luke-Acts*. In: GROTH, D.; JEWETT, R. (eds.). *The living text: essays in honor of Ernest W. Saunders*. New York: University of America, 1985, p.141-188.
- SELVATICI, M. Conflitos sociais entre judeus e gentios no Mediterrâneo romano e o cristianismo de Paulo de Tarso. *Boletim do Centro do Pensamento Antigo*. Campinas: Editora da Unicamp, n. 12, p. 89-108, 2001.
- _____. *Os judeus helenistas e a primeira expansão cristã: questões de narrativa, visibilidade histórica e etnicidade no livro dos Atos dos Apóstolos*. Tese de Doutorado em História, Campinas, UNICAMP, 2006.
- _____. Os cristãos judaizantes no livro dos *Atos dos Apóstolos*. *Oracula*. São Bernardo do Campo, v. 6, p. 29-37, 2007.
- PERA, J. P. S. *O anti-judaísmo de Justino o Mártir no Diálogo com Trifão*. 2009. 141f. Dissertação em História Social das Relações Políticas. Vitória. 2009.
- TROCMÉ, É. The Jews as seen by Paul and Luke. In: NEUSNER, J.; FRERICHS, E. S. *To see ourselves as others see us': Christians, Jews, "others" in Late Antiquity*. Chico: Scholars Press, 1985, p. 145-161.
- VASCONCELLOS, P. L. Uma nova visita a um velho preconceito: os "judaizantes" como judeus. In: NOGUEIRA, P. A. de S.; FUNARI, P. P.; COLLINS, J. (orgs.). *Identidades fluidas no judaísmo antigo e no cristianismo primitivo*. São Paulo: Annablume, 2010, p. 332-345.